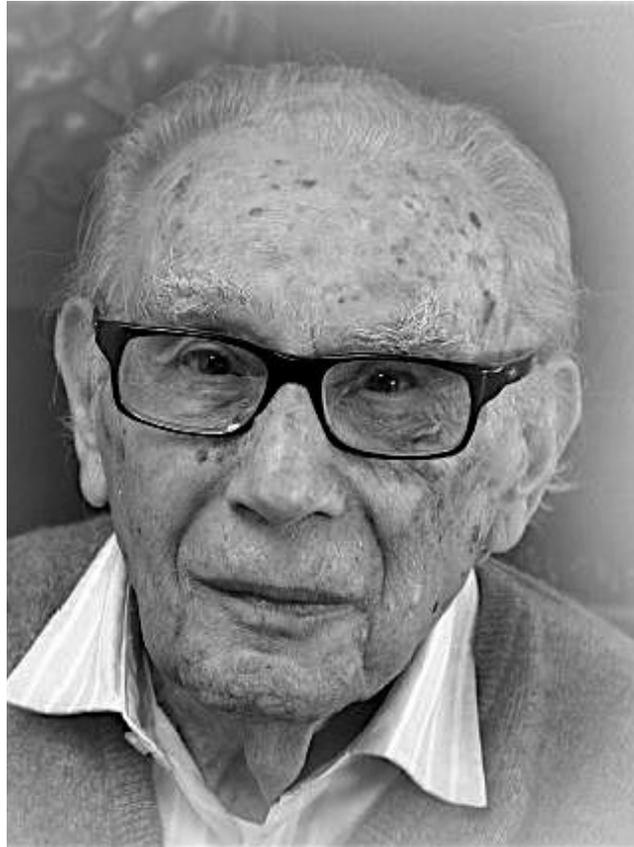


JAN FARSKY¹

(Praga, Tchécoslováquia, 1919)



Jan Farsky, 2020.

Acervo: Farsky/SP; Arqshoah/Leer-USP.

1 Entrevista concedida por Jan Farsky a Sarita M. Sarue. Vídeo/áudio gravado por Laís Rigatto Cardilo. S. Paulo, 12 e 17 de agosto de 2015. Transcrição: Daniel R. Loeb. Transcrição: Rachel Mizrahi e Maria Luiza Tucci Carneiro. Pesquisa complementar: Blima Lorber e Tucci Carneiro. Iconografia: Nanci Nascimento. Revisado e aprovado por Jorge Farsky, 2020.

Jan Farsky

judaísmo, mas não éramos religiosos. Frequentávamos a sinagoga no *Yom Kipur** e no *Rosh Hashaná**. Levávamos uma vida muito boa, praticávamos muitos esportes: durante o verão jogávamos tênis e, no inverno, esquiávamos nas montanhas. Estávamos completamente integrados na sociedade tcheca. Nossos avós não mais viviam, mas tínhamos tios, tias, primos e primas. Enfim, uma família grande que vivia em Praga, onde havia uma comunidade judaica muito antiga.



Ludvig Feurstein e Vlasta Feuerstein. Praga, década de 1920.
Acervo: Farsky/SP; Arqshoah/Leer-USP.



Ludvig Feurstein, Vlasta Feuerstein e Johny Feurstein (Jan Farsky). Praga, junho de 1934.
Acervo: Farsky/SP; Arqshoah/Leer-USP.



Vlasta Feuerstein, Johny Feurstein (Jan Farsky) e Eva Feurstein.
Acervo: Farsky/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Um pouco da história da República Tcheca

Depois da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) a República Tcheca, ao lado da Alemanha, apresentava forte crise econômica. A Alemanha, perdedora da guerra, estava pagando reparações aos vencedores e, nesta circunstância, havia muita pobreza no país. O partido que governava era democrático, mas muito fraco. Assim, neste contexto, dois partidos se projetaram: o Partido Comunista e o Partido Nazista (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* – Partido Nacional-Socialista Alemão). Este partido projetava-se com base no latente antissemitismo europeu, sobretudo pelo militarismo alemão. Inicialmente, o partido nazista era pequeno, até o momento em que Hitler assumiu a liderança. Hitler era uma pessoa muito estranha: ele, que ocupou posição de cabo durante a Primeira Guerra Mundial, era um militarista convicto e escrevera o livro *Mein Kampf* (*Minha Luta*).^A Neste livro ele apresenta um plano para ampliar o espaço para a Alemanha, isto é, pela ocupação de novas regiões. A dificuldade maior estava na expansão para oeste pela existência de partidos militares fortes. Hitler considerava os poloneses, os tchecos e os russos, como cidadãos inferiores e, para que seu programa se projetasse contra os judeus (ocupar e confiscar seus bens), era preciso o apoio da “luz alemã”, e para isso criou uma milícia, a SA [*Sturmabteilung*], isto é, um forte departamento de ataque à invasão.^B

Nesse intento Hitler obteve enorme sucesso diante do grande desemprego na Alemanha. Todos os desempregados, até os presos por atos ilícitos, eram aceitos no partido. No

A- *Mein Kampf* [*Minha luta*] foi escrito por Adolf Hitler durante o período que esteve (junto com Rudolf Hess) na prisão de Kan Landsberg, capital do distrito de Landsberg, na Alta Baviera (Alemanha). Sua prisão ocorreu dois dias após a tentativa de golpe sob sua liderança que ficou conhecido como o *Putsch* da Cervejaria. Foi processado e condenado em 1º de abril de 1924 a cinco anos de cárcere, dos quais cumpriu apenas nove meses nessa prisão, deixando o local em 20 de dezembro de 1924 com um manuscrito ditado ao seu fiel seguidor Rudolf Hess. Nesse texto, depois publicado com o título *Mein Kampf*, Hitler anunciava seu projeto político para a Alemanha. O nacional-socialismo se apresentava como uma alternativa revolucionária ao comunismo bolchevique, indo de encontro às aspirações dos proletários, dos desempregados e dos *lumpens* alemães que rejeitavam seguir os bolcheviques russos, tidos por alguns germânicos como “gente inculta e desprezível”.

B- *Sturmabteilung*, abreviado para SA (em alemão: “Destacamento Tempestade”) usualmente traduzido como “Tropas de Assalto” ou “Seções de Assalto”, foi uma milícia paramilitar existente durante o período em que o nazismo exerceu o poder na Alemanha. Seu líder era Ernst Röhm, capitão do Exército e notório por seu senso de organização e sua capacidade de comando. Os membros das *Sturmabteilungen* também eram conhecidos como camisas-pardas, pela cor de seu uniforme (a cor parda provinha de fardamentos destinados a tropas alemãs que serviram na Tanzânia durante a Primeira Guerra Mundial). A *Sturmabteilung* constituiu, em certo momento, uma das instituições mais ativas da vida pública da Alemanha, e um dos esteios do poder político de Adolf Hitler. Funcionava mais como uma tropa de pressão política, não como um núcleo do futuro Exército do *Reich*.



Sinagoga Staronová e câmara municipal judaica de Praga, edifícios preservados após o saneamento do gueto entre 1893 e 1913. *Eterna Sefarad*, 2012. Fotografias disponíveis em: <http://zivabdauid.blogspot.com/2012/10/os-judeus-de-praga.html>. Acesso em: 25 ago. 2020.

decorrer do tempo, surgiu uma força concorrente e, para Hitler seguir na liderança, foi criada uma nova milícia, chamada SS. Nessa milícia, ele conseguiu não só o apoio do proletariado, mas também dos industriais e da *intelligentsia*, com a promessa de conquistar maior espaço para a Alemanha.

Com Hindenburg, o velho presidente, na liderança da Alemanha e do Parlamento nas eleições de 1930/31, o partido de Hitler tornou-se vitorioso com mais de 50% do Parlamento alemão. Diante de sua aposentadoria, Hindenburg nomeou Hitler como chanceler, que assim, com diversos truques, conseguiu se apossar totalmente do poder. Tornou-se *Führer* – líder do governo –, e após a vitória nas eleições, imediatamente ele eliminou os intelectuais de outros partidos. Foi então que criou o primeiro campo de concentração para manter



Praga, na República Tcheca. Cartão postal, 2016. Acervo: Tucci/SP.

encarcerados aqueles que não o apoiassem ou que estavam contra ele. Um ato, ocorrido em Paris no dia 17 de novembro de 1938, quando um judeu polonês [Grynszpan] assassinou o diplomata alemão Ernst vom Rath, permitiu a Hitler uma ação extremista chamada *Kristallnacht* (*Noite dos Cristais*). Nessa noite, depois assistirem à queima das sinagogas e terem seus bens confiscados, os judeus foram aprisionados e sistematicamente levados para campos de concentração, onde foram torturados. A Tchecoslováquia, país vizinho, ficou muito assustada. Em 1938 eu estava com 23 anos.

Quando tudo mudou em Praga

O antissemitismo apareceu na escola tcheca depois da ocupação alemã. Assim como fez a maioria dos judeus de Praga, propus ao meu pai, depois da *Kristallnacht* que ocorreu em 9-10 de novembro de 1938, que deveríamos emigrar.^A Em 1937, Hitler ocupou a Áustria e veio o pânico: todos quiseram emigrar, mas nenhum país queria aceitar judeus e nem nos dar vistos. Houve até uma conferência onde a Alemanha propôs “vender” os seus judeus, mas não teve comprador. Em 1938, pela Conferência de Munique, Chamberlain praticamente ofereceu a Hitler regiões limítrofes da Alemanha onde viviam alemães. Em 1939, Hitler invadiu com todas as forças militares, ocupando a Tchecoslováquia, que se tornou Protetorado da Boêmia, levando à separação da Eslováquia.^B

A- *Kristallnacht* em Praga: um dos organizadores da *Kristallnacht* (*Noite dos Cristais*) em Praga foi Reinhard Tristan Eugen Heydrich (1904-1942), oficial superior alemão. Dentre seus vários cargos era também *Stellvertretender Reichsprotektor* (Protetor) da Boêmia e Morávia, atual República Tcheca. Considerado como um dos principais arquitetos do Holocausto. Durante a *Kristallnacht* ocorreram uma série de ataques coordenados contra os judeus em toda a Alemanha Nazista e partes da Áustria em 9-10 de novembro de 1938. Os ataques, efetuados por membros das SA e civis, representaram um presságio ao Holocausto. Quando chegou a Praga, Heydrich procurou eliminar a oposição à ocupação nazi suprimindo a cultura checa, deportando e executando os membros da resistência checa. Heydrich foi alvo de um atentado em Praga no dia 27 de maio de 1942 por uma equipe de soldados checos e eslovacos treinados pelos britânicos, enviados pelo governo checo-eslovaco no exílio na Operação Antropoide.

B- Entre 1919 e 1938, cerca de três milhões de alemães viviam na parte tcheca da recém-criada Tchecoslováquia, que surgiu a partir da dissolução do Império Alemão. As ambições de Hitler não se encerraram com a anexação da Áustria pela Alemanha (*Anschluss*) em março de 1938. Sob a alegação de que as populações de língua alemã que viviam nas regiões dos Sudetos (cadeia de montanhas na fronteira entre a República Tcheca, Polônia e Alemanha) estavam sendo discriminadas e sofrendo privações, a anexação dos Sudetos pela Alemanha foi resolvida no dia 30 de setembro de 1938, numa reunião em Munique, em que se encontraram Hitler, Edouard Daladier, Mussolini e Arthur Chamberlain. Em nome da “paz mundial”, foi assinado o Pacto de Munique, que dava à Alemanha os territórios dos Sudetos a partir de 10 de outubro e o controle efetivo do restante da Tchecoslováquia. Em 15 de março de 1939, as tropas alemãs invadiram o protetorado da Boêmia e a Morávia, anexados ao *Terceiro Reich*. A Tchecoslováquia, sem oferecer resistência, foi ocupada, enquanto a República Eslovaca se manteve como um país independente, porém como um Estado-fantoches.



Autoridades presentes na reunião que culminou com o Pacto de Munique que autorizou a anexação do território tcheco-eslovaco pela Alemanha (mapa). A partir da esquerda: primeiro-ministro britânico Neville Chamberlain, primeiro-ministro francês Edouard Daladier, Adolf Hitler, presidente italiano Benito Mussolini e seu ministro das Relações Exteriores da Itália, conde Galeazzo Ciano. Munique, 29 de setembro de 1938.^A

Em 15 de março de 1939 os nazistas ocuparam a Tchecoslováquia aplicando o *Gesetze Nürnbergs*, ou seja, as “Leis de Nuremberg” que determinavam quem era judeu: quem tinha os quatro avós arianos, não eram judeus. Meu avô era “mestizo” – mestiço. Por estas leis, todos os bens de judeus seriam do Estado. A gente teria que entregar as contas bancárias, todo o dinheiro e as joias. No começo era proibido visitar parques, ir aos cinemas, restaurantes e deveríamos estar em casa às 8 da noite. Pouco a pouco não podíamos mais usar transportes públicos e, depois, precisamos usar a *Jude Stern* ou a estrela de David no peito ou em lugar visível para nos separar dos não judeus.^B

A- Pacto de Munique e mapa. Coleção Bundesarchiv_Bild_183 R69173,_Münchener_Abkommen,_Staatschefs. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ocupação_da_Tchecoslováquia#/media/Ficheiro:Tchecoslováquia_1939-pt.svg. Acesso em: 25 ago. 2020.

B- O nome Estrela de Davi vem do hebraico *Maguen David**, literalmente “Escudo de Davi”. No século XVII, a Estrela de Davi foi consagrada símbolo oficial da comunidade judaica de Praga, na atual República Checa. Dois séculos mais tarde, passou também a representar o judaísmo da mesma forma que a cruz simboliza o cristianismo. Por isso, a estrela aparece não só em sinagogas e túmulos, como no centro da bandeira de Israel. O símbolo marcou também o episódio trágico que culminou com o Holocausto: o nazismo obrigou os judeus a aplicar uma Estrela de Davi amarela costurada na roupa, ou a usar no braço uma faixa com a estrela, para serem reconhecidos onde estivessem.

Jan Farsky



Aufruf an die Bevölkerung!

Auf Befehl des Führers und Obersten Befehlshabers der Deutschen Wehrmacht habe ich im Lande Böhmen mit dem heutigen Tage die vollziehende Gewalt übernommen.

Hauptquartier Prag, den 15. März 1939.

Der Oberbefehlshaber der Heeresgruppe 3

Blaskowitz

General der Infanterie.

Rozkas pro Obyvatele!

Na rozkas Votze a neivršihó Prezidenta německe Armady převzal sem v zemi české s nešním dnem celou moc.

Hlavní-Quartier Praha, dne 15. Brězna 1939

Vrchní Komandant Armadni-Odil 3

Blaskowitz

General Pjechoty

Pôster da ocupação de Praga, na Tchecoslováquia, pela Alemanha Nazista: "Aviso à população. Por ordem do Führer e Comandante Supremo da Wehrmacht alemã. Assumi, a partir de hoje, o poder executivo no Estado da Boêmia. Sede, Praga, 15 de março de 1939.

Comandante, 3º Exército, Blaskowitz, General de Infantaria".

Fonte: Archiv T. Marouнка. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/File:Poster_Protektor%c3%a1t_-_Rozkas_pro_obyvatele_1939_\(01\).jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/File:Poster_Protektor%c3%a1t_-_Rozkas_pro_obyvatele_1939_(01).jpg) Acesso em: 25 ago. 2020.

Eu consegui trabalhar em fábrica, porque as escolas foram completamente fechadas aos judeus, inclusive as universidades. O plano de Hitler era escravizar a população das regiões ocupadas, eliminar toda a *intelligentsia* e deixar a população judaica restante como

trabalhadora braçal. Inclusive, esse plano consta do livro *Mein Kampf*, de Hitler, como eu já disse. Os tchecos, incluindo os intelectuais, foram colocados em campos de concentração na Tchecoslováquia.

De Praga para o gueto de Theresienstadt

Na época a gente só se informava pelos jornais, forma não tanto horrível como de fato seria. O que nós não sabíamos era o resultado da Conferência de Wannsee que ocorreu em Berlim (1942), onde foi determinada a extinção dos judeus de toda Europa.^A Perto de Praga havia uma pequena cidadezinha chamada Theresienstadt, uma cidade de casernas, de militares. Estas casernas foram ocupadas e todas as pessoas que lá viviam foram despachadas para outros locais. Lá foi instalado o gueto de Terezin, como ficou conhecido.

Meu pai, conectado à *intelligentsia* tcheca, conseguiu nomeação para trabalhar como médico dos judeus. Havia apenas seis médicos e seis dentistas e muito poucos profissionais para trabalhar. Mas, ninguém seria pago. Recebemos em aviso que deveríamos nos apresentar em um lugar e, no mesmo dia, ajudar judeus idosos com as malas. A Gestapo confiscou a nomeação do meu pai, como de todos os demais judeus de Praga, e fomos de uma hora para outra transportados para o gueto, meus pais e eu. Minha irmã, casada com Mila Schneider, já estava no gueto há duas semanas. Todos os bens da minha família foram confiscados, e não poderíamos vender nada, pois tudo estava bloqueado. Tanto é que, durante a guerra, houve falta de comida devido

A- A Conferência de Wannsee consistiu numa reunião de membros superiores do governo da Alemanha Nazista e líderes das SS, realizada no subúrbio de Wannsee, em Berlim, em 20 de janeiro de 1942. Liderada por Reinhard Heydrich, tinha como objetivos: assegurar a cooperação dos líderes de vários departamentos do governo na implementação da solução final da questão judaica, pela qual grande parte dos judeus das regiões europeias ocupadas pela Alemanha seriam deportados para a Polônia e eliminados; explicar como os judeus europeus seriam reunidos desde o oeste ao leste, e enviados para campos de extermínio no Governo-Geral (a parte ocupada da Polônia); onde seriam executados pelas SS encarregadas dos extermínios; definir quem era formalmente judeu e assim determinar o âmbito do genocídio. Cópias encontradas pelos Aliados em março de 1947 foram utilizadas como evidências nos Processos de Guerra de Nuremberg.

ao bloqueio, razão pela qual foram emitidos cartões de alimentos, o que já era muita coisa. Mas, para os judeus faltou leite, ovos, carne. Lembro aqui que não comi ovos desde 1939 até 1945. Fomos ao gueto em um trem de gado, onde cada vagão levava cinquenta pessoas.

Hoje sabemos que os guetos na Polônia concentravam pessoas que, em poucos dias, seriam levadas ao extermínio. Mas o gueto de Theresienstadt passou a ser modelo de gueto para mostrar aos ocidentais como os judeus eram bem tratados pelos nazistas. Havia higiene, ainda que só água fria, mas cloro em todos os lugares.^A No gueto, fomos distribuídos pelos barracões, casernas e em algumas casas. Os barracões ficavam em um antigo acampamento militar. Meu amigo Alfred Kantor escreveu um livro com os desenhos que fez mostrando como era a vida em Theresienstadt e Auschwitz. Ele é sobrevivente, mas perdi o contato com ele que reside nos Estados Unidos.

O gueto foi organizado da seguinte maneira, como um parlamento: o chefe agia como presidente no gueto. Ninguém podia sair, caso contrário era morte certa. A organização acontecia através de seções: seção de cozinha, de expedição, de transporte, de carvão e de comida. Não havia transportes dentro do gueto, sendo que a estação de trem ficava a meia hora de distância. Tinha o pessoal da higiene, da saúde e médicos. Meu pai foi colocado na ala dos médicos. Mas, apesar de pouca comida, a vida cultural era bastante ativa. O gueto foi instalado em uma antiga fortaleza para ser um ponto de transição para prisioneiros alemães, austríacos, holandeses, dinamarqueses etc.

A- O campo de concentração de Theresienstadt – o “gueto-modelo de Hitler”, como ficou conhecido – foi aberto pelos nazistas em 24 de novembro de 1941 para concentrar os judeus na República Tcheca, então protetorado alemão. Durante os três anos e meio de existência do campo, passaram por ali 140 mil pessoas. Terezin (nome em tcheco) foi instalado em uma antiga fortaleza construída no século XVIII, em condições ideais para abrigar o gueto judeu. Em novembro de 1941 começaram a ser deportados para lá milhares de judeus, dentre os quais estava uma elite intelectual formada por professores, pensadores e artistas. Os prisioneiros vinham da Dinamarca, Áustria, França e de toda a Europa. Dali os judeus eram levados às câmaras de gás dos campos de extermínio. Foi liberado em maio de 1945 pelas tropas aliadas, que encontraram 16 mil sobreviventes.

Vozes do Holocausto

Apesar da falta de comida e possibilidade de se manifestar, o gueto tinha também uma vida cultural escondida, que acontecia na clandestinidade. Lembro-me de que em Theresienstadt havia escola^A para instruir as crianças de alguma maneira, além de um teatro e um café, sendo este aberto somente quando queriam mostrar a alguém. A vida cultural era cheia de discursos filosóficos e música, mas somente no café sei que muitos professores e intelectuais de muito bom nível cultural vindos de vários países foram enviados a Terezin.^B Meu pai trabalhava no ministério de saúde, minha mãe em uma fábrica de produtos elétricos para o exército alemão, e minha irmã era assistente de dentista. Eu tentei encontrar um lugar com menor problema para fugirmos, e um policial local recomendou o gueto Warschauer, cujo destino contarei depois.



Momento da chegada de um grupo de judeus holandeses no gueto de Theresienstadt em 20 de janeiro de 1944. Fotografia não identificada. Disponível em: <https://www.yadvashem.org/holocaust/about/ghettos/theresienstadt.html>.

Acesso em: 25 set. 2020.

A- A comunidade em Theresienstadt tentou se assegurar de que todas as crianças recebessem educação, apesar de os nazistas obrigarem as crianças prisioneiras acima de uma certa idade a trabalhar; ajudar nas artes era considerado emprego. Mesmo assim, a educação das crianças continuou, apesar do trabalho ou da atividade cultural, atingindo cerca de 15 mil crianças, das quais menos que cem sobreviveram ao fim da guerra. O artista e professor de artes Friedl Dicker-Brandeis criou aulas de pintura para as crianças no gueto, atividade que resultou na produção de cerca de quatro mil pinturas infantis, que ele escondeu em duas malas antes de ser mandado para Auschwitz. Essa coleção foi poupada da destruição pelos nazistas e não foi descoberta durante uma década. Hoje está sob a guarda do Museu Judeu em Praga, cuja seção Holocausto é responsável pela administração da Coleção do Arquivo de Theresienstadt. As crianças do campo também escreveram contos e poemas, alguns dos quais foram preservados e posteriormente publicados numa coleção chamada *I Never Saw Another Butterfly* (*Nunca mais eu vi uma borboleta*).

B- Theresienstadt foi originalmente designada para ser visto como um lugar para judeus privilegiados da Alemanha, Tchecoslováquia e Áustria. Muitos judeus cultos foram aprisionados em Theresienstadt, e o campo foi noticiado pelos nazistas como um lugar de rica vida cultural – isso era apenas uma maquiagem para esconder o horror do lugar. Pelo menos quatro orquestras foram obrigadas a tocar no campo, assim como grupos e bandas de jazz. No gueto havia artistas, escritores, cientistas, juristas, diplomatas, músico e professores. A maioria foi morta.

Jan Farsky



Gueto de Theresienstadt, bloco A, s.d. Fotógrafo não identificado. Disponível em: <https://asdistancias.com/2015/09/25/eu-me-fiz-bela-para-voce-o-campo-de-concentracao-propaganda-em-terezin/>. Acesso em: 25 set. 2020.



Pôster e elenco da ópera *Brundibár* (O abelha), em dois atos e com música de Hans Krása, apresentada por um grupo de crianças do gueto de Theresienstadt em 13 de outubro de 1944. Após a apresentação, Hans Krása e todo o elenco foram deportados e assassinados em Auschwitz-Birkenau. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/09/Brundibar_poster_Theresienstadt.jpg. Acesso em: 25 ago. 2020.

De Theresienstadt para Auschwitz

Em setembro de 1943, meu pai explicou-me as consequências de encefalites. Estranhamente, apesar dos transportes para Auschwitz levarem os judeus direto ao gás, não transportavam pessoas com enfermidade infecciosa. No momento em que íamos ser transportados para oeste, meu pai me deu uma injeção que provocou febre de 39-40 graus. Tudo premeditado

para que eu ficasse doente. Quando um médico de transporte se aproximou, simulei os sintomas de encefalite, sendo assim colocado em um hospital por seis semanas.

Em 15 de maio de 1944, eu, minha irmã Eva e seu marido Mila Schneider, saímos de Theresienstadt e, três dias depois, desembarcamos em Auschwitz II-Birkenau. Nada sabíamos sobre o campo. Os judeus do gueto de Theresienstadt ao chegarem a Auschwitz não passaram por seleções, foram levados para Birkenau onde ficaram todos juntos com as suas famílias. Entre março e julho de 1944 os prisioneiros selecionados foram assassinados por gás. Meus pais ficaram no campo de Theresienstadt até 1º de outubro de 1944, véspera do feriado judaico dos Tabernáculos, quando foram transportados para Auschwitz II-Birkenau, onde desembarcaram três dias depois.^A Infelizmente, meu pai



Birkenau (AUSCHWITZ II) Main entrance

Entrada do campo de Auschwitz II-Birkenau, por Alfred Kantor. Desenho publicado no seu livro *The Book of Alfred Kantor, an Artist's Journal of the Holocaust*. London: Piatkus Books, 1971. Disponível em: <https://corvusfugitcom.files.wordpress.com/2018/01/kantor0021.jpg>. Acesso em: 25 ago. 2020.

A- As ordens de transporte provenientes do Escritório para Solução da Questão Judaica em Praga foram entregues ao comandante do campo, Karl Rahm. De acordo com Viliem Cantor, que estava encarregado do registro de transporte em Theresienstadt, o comandante passou as ordens ao Conselho Judaico, que foi forçado a cumpri-las. Eles incluíram a data do transporte e o número de pessoas a serem transferidas, bem como quaisquer critérios especiais (neste caso, homens saudáveis com idade inferior a 55) e os nomes de várias pessoas que deveriam ser incluídas no transporte (*Weisungen*). Ao contrário dos transportes anteriores, para os quais os reclusos eram selecionados juntamente com a família, este transporte era apenas de homens. O transporte partiu de Theresienstadt em 1º de outubro de 1944, e chegou a Auschwitz em 3 de outubro.

Ludvik foi exterminado na câmara de gás em 3 de outubro de 1944.^A Minha mãe queria ir com ele para a câmara de gás, mas não deixaram, porque trabalhava para os alemães.

Auschwitz era lama, sujeira, fome e morte. Quando cheguei em Auschwitz com o transporte de maio de 1944 fui colocado em um barracão. No transporte anterior, todos foram para as câmaras de gás. Assim, pensei: “Portanto, nós também iremos para o gás”. Enquanto isso, não trabalhamos, mas pela manhã tínhamos o que fazer: nos colocavam em fileiras de cinco em cinco e contavam. Lá ficávamos horas a fio e aqueles que morriam à noite eram colocados de lado. Nas paredes desses barracões os prisioneiros haviam escrito: “*Eine Laus, dein Tod*” (“um piolho, a tua morte”), “Todas as rodas rodam para a vitória”.

Vejam estes desenhos aqui feitos pelo meu amigo Alfred Kantor que sobreviveu e vive nos Estados Unidos; aqui vemos a fumaça que sai do crematório, continuamente. O cheiro era horrível. E acredite que muita gente não acredita que Auschwitz tivesse crematórios.^B Nos campos de concentração o piolho era a morte, porque passava o tifo. Antes, os prisioneiros trabalhavam, mas quando chegamos ninguém fazia mais nada. Ficávamos horas a fio sem fazer nada, À noite, nos beliches, se um quisesse se virar, todos os dez tinham que virar juntos. Meu cunhado também estava no barracão. Minha irmã também não trabalhava. Era um vazio só. A gente esperava o dia morrer.

Sempre contei minha história a quem quisesse ouvir, mas muito pouca gente quer saber sobre o trabalho escravo, o processo de seleção. Normalmente, esta seleção era feita na estação de Auschwitz-Birkenau quando ali desembarcavam

A- Segundo o Yad Vashem, o Dr. Ludvik Feuerstein nasceu em 1888. Durante a guerra ele foi deportado pelo transporte que saiu do gueto de Theresienstadt, na Tchechoslováquia, para Auschwitz II-Birkenau, campo de extermínio na Polônia, em 1º de outubro de 1944, onde foi assassinado. Esta informação é baseada em uma lista de presidiários do campo de Theresienstadt, encontrada em Terezínska Pamětní Kniha [Theresienstädter Gedenkbuch], Terezínska Iniciativa, vols. I-II Melantrich, Praha 1995, vol. III Academia Verlag, Prag 2000 (Livro Memorial Theresienstadt, Iniciativa Terezin). Disponível em: <https://yvn.org/yadvashem.org/nameDetails.html?language=en&itemId=4888999&ind=1>. Acesso em: 25 ago. 2020.

B- Alfred Kantor tinha 22 anos quando foi enviado para Theresienstadt, o “gueto modelo”, que ficava a 40 quilômetros ao norte de Praga e que os nazistas criaram para os judeus tchecos. Ele foi então enviado para Auschwitz e, mais tarde, para Schwarzheide. Quando a guerra terminou, ele era um dos 175 prisioneiros sobreviventes entre os mil que partiram em uma marcha da morte de volta a Theresienstadt. Uma vez libertado em 1945, ele passou dois meses em um campo de deslocados, durante os quais registrou sua experiência em 160 desenhos e aquarelas. Eles foram publicados em 1971 no livro *The Book of Alfred Kantor, an Artist's Journal of the Holocaust*. Enquanto estava nos campos nazistas, Kantor fez esboços das coisas que viu. Alguns desses esboços ele conseguiu salvar, mas a maioria ele destruiu. Tendo memorizado as cenas, ele conseguiu recriar suas lembranças depois da guerra. Poucas fotos da vida nos campos de concentração sobreviveram. Kantor criou, portanto, uma das poucas representações visuais de testemunhas oculares que temos das condições e atrocidades praticadas em Auschwitz.



» HOSPITAL «

LAST BUNK IN BARRACKS IS FOR
« Disqualifieds » - prisoners weakened
to death. Toilets are behind dead corpses.

“Hospital”, desenho de Alfred Kantor publicado no seu livro *The Book of Alfred Kantor, an Artist's Journal of the Holocaust*. London: Piatkus Books, 1971. Disponível em: <https://corvusfugitcom.files.wordpress.com/2018/01/kantor0021.jpg>. Acesso em: 25 ago. 2020.

os prisioneiros dos trens de carga. Os homens eram separados das mulheres e os SS decidiam quem iria ao trabalho e quem iria ao crematório. Não se podia imaginar o destino das mulheres que estavam com crianças, porque as crianças eram enviadas para as câmaras de gás. E as mães, quase sempre iam juntas.

Eu, minha irmã Eva e meu cunhado Mila fomos escolhidos para trabalhar em uma fábrica onde era preparada uma gasolina de carvão chamada Braback, uma sociedade anônima de carvão e gasolina, que fazia experimentos com gasolina logo após Hitler ter assumido o poder. Para se ter uma ideia, de um trem de transporte com cinco mil pessoas e mais cinco mil do trem anterior, foram escolhidos mil homens e mil mulheres, e dirigidos para trabalhos forçados. Destes mil homens, no fim da guerra, sobraram uns 170. Todo o resto pereceu.

Nos primeiros dias de julho de 1944, colocaram eu e o meu cunhado em um trem para Schwarzheide, uma cidade no distrito Oberspreewald-Lausitz, no sul de Brandemburgo, Alemanha. Minha irmã Eva ficou em Auschwitz. Depois da saída de nosso transporte, saiu outro com mulheres para o trabalho. As demais, cerca de umas dez mil pessoas, foram assassinadas nas câmaras de gás.^A

Fomos forçados a trabalhar na Brabag, (Braunkohlen Benzin AG), produzindo armamentos e gasolina sintética, além de construir abrigos antiaéreos e limpar as ruínas provocadas pelos bombardeiros. A fábrica foi bombardeada por dias e noites. Nós éramos obrigados a consertar as coisas destruídas durante o bombardeio, transportávamos trilhos. Quem não trabalhasse direitinho, apanhava logo na hora.

A- Em 1937, a Brabag (em alemão: Braunkohlen Benzin AG) concluiu a instalação da Brabag II em Ruhland-Schwarlheide (a quarta fábrica Fischer-Tropsch da Alemanha nazista) para produzir gasolina e óleo diesel a partir de carvão linhito. A planta foi alvo da Campanha do Petróleo da Segunda Guerra Mundial, usou o trabalho forçado do campo de concentração de Sachsenhausen e se tornou uma Joint Stock Company soviética do pós-guerra. A fábrica tornou-se a VEB Synthesewerk Schwarzheide em 1º de janeiro de 1954.

Não era fácil, porque quando a temperatura estava abaixo de zero, pegar o trilho com a mão congelada era difícil e não tínhamos nenhuma proteção. Estávamos com os pijamas listrados e trabalhávamos doze horas no sol, na chuva e na neve. Voltávamos para o campo molhados e dormíamos molhados. Não tínhamos como nos aquecer.

Procurávamos trabalhar o menos possível, porque qualquer caloria perdida era irrecuperável. Nós acordávamos às quatro da manhã, recebíamos um pouco de água quente que chamavam de café, faziam a chamada e nos levavam para o trabalho. Isso tudo na chuva, na neve, no sol, tanto fazia! Fiz a seguinte escolha: vou apanhar, mas não vou gastar caloria. E apanhei muito! Antes do fim de guerra, tivemos que construir barreiras de madeira e de troncos para impedir que os tanques dos Aliados andassem por ali. Para colocar estes obstáculos, tivemos que ir a pé até a floresta para derrubar árvores. Eu recebi um machado e, quando me chamavam para fazer a cunha, eu corria em direção oposta. Isso funcionou por algumas horas até que um SS percebeu, me derrubou e começou a me chutar.

Tivemos também que construir proteções contra as bombas, um trabalho contínuo de 24 horas, muito cansativo. Meu trabalho era cuidar da máquina de cimento; eu levava, continuamente, areia e cimento em uns vagões pequenos para fazer a argamassa. Havia diferentes turnos durante as 24 horas. Eu trabalhava na turma da noite e, em uma semana, estava totalmente acabado de tanto trabalhar. Fui até o chefe de trabalho no campo, um judeu, meu conhecido, e pedi para me tirar daquele trabalho. Ele respondeu que não poderia fazer isso, só se eu sucumbisse até cair: “Aí, quando você voltar, eu o tirarei desta turma”. Era janeiro, estava frio abaixo de zero, apenas com um fogo para nos aquecer um pouco. Então eu caí, esgotado. Isso era um risco muito grande, podendo ser fuzilado na hora. Aí me pegaram e me jogaram perto de um dos fogos e um SS começou a me chutar. Fui deslocado para outro serviço.

Com isso, percebi que tenho uma comunicação boa com as pessoas. No campo de concentração você tem 98% de sorte (para sobreviver) e outra parte depende da sua vontade férrea para aguentar. Mas o principal de tudo é a sorte, sorte e sorte. Passei a carregar coisas de um lado para outro, até mesmo depois de bombardeio. Uma vez, à noite, houve um ataque: muitas bombas caíram no campo, tanto que tivemos que ir coletando partes de mãos, cabeças, pés, pernas. Isso era um campo de concentração.

Da Marcha da Morte para Praga

Em março de 1945, a fábrica estava tão destruída que não adiantava mais arrumar. Ficamos dias a fio sem fazer nada. Um pão de dois quilos servia sete pessoas, ou seja, recebíamos uma fatia de pão por dia, mais nada. Em 18 de abril os russos já estavam tão perto que começamos a evacuar. Era o início da chamada “Marcha da Morte”. Meu cunhado não foi junto, pois estava com uma necrose no pé e tinha a opção de ser transportado para o campo de concentração Oraniemburg/Sachsenhausen, perto do campo principal, onde faleceu. O nosso era uma sucursal, destacado para trabalho.

No primeiro dia andamos 40 quilômetros, sem comer. Ficamos andando para cá e para lá até mais ou menos o final de abril. Quem não conseguia acompanhar era fuzilado. Andamos até perder a noção de tempo, da hora. Chegamos a Varnsdorf (Boêmia, Tchecoslováquia), onde ficamos abrigados em uma fábrica abandonada, deitados alguns dias no chão de cimento, sem cobertura, sem comida. Éramos cerca de mil homens. De repente, nos colocaram em vagões abertos de transporte de carvão e nos deram uma sopa de batatas velhas que provocou disenteria na maioria. Ficamos ali nesses vagões parados, sem cobertura, por vários dias. Aqueles que morriam eram atirados para fora, e os semimortos eram enterrados com os mortos.

De repente, o trem começou a andar e à noite chegamos à estação de trem de Theresienstadt. Os SS desapareceram. Daqueles mil homens, restavam apenas uns 170, 180. Em Theresienstadt nos colocaram para desinfecção, e ali encontrei minha mãe. Ela nem me reconheceu no primeiro momento, tão magro estava. Recebi a primeira ajuda para ir de Terezin a Praga, devo ter ido de carro, do meu tio Frederico Feuerstein e sua senhora Irencka. Depois de dois ou três dias, chegamos a Praga, onde começamos uma nova vida. Esse meu tio, irmão da minha mãe e casado com uma não judia, também havia sido transportado para Theresienstadt e lá ficou até o final da guerra, e sua esposa ficou no apartamento. Quando cheguei, ele já tinha voltado.

Minha mãe ficou em Praga, porque não tinha para onde ir. Eu saía para resolver alguns problemas, como reaver o nosso apartamento; não o recebemos de volta. Minha mãe recebeu ajuda das autoridades do governo tcheco: um apartamento pequeno de dois dormitórios e,

Recomeçando a vida no pós-guerra

Não acreditava que conseguimos sobreviver depois de tudo que passamos. Conversávamos muito sobre nossa vida no campo. A gente queria ficar “normal”, como todo aqueles que, aos poucos, foram voltando para seus lares, mas era difícil. Meus tios e tias, e outras dezenas de pessoas nunca voltaram; os irmãos do meu pai com suas famílias, não voltaram. Jovem, eu ainda estava em idade militar, e assim fui destacado para uma caserna para oficiais tchecos: tinha escolaridade para isto. Em 1947, me neguei a assinar o Contrato de Oficial, porque havia decidido deixar a Tchecoslováquia para qualquer lugar que fosse. A influência russo-comunista era muito forte na Tchecoslováquia, e não queria passar pelo fascismo vermelho.



Página de abertura do passaporte de Jan Farsky emitido pela República Tcheca em 1948. Acervo: Farsky/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Em 1946, um velho amigo de meus pais me arrumou um visto e trabalho na Suécia. Assim, com sua ajuda, consegui visto de saída e fui para Estocolmo. Quando cheguei, verifiquei porque recebera sua ajuda: ele procurava um marido para a filha. Felizmente, antes da minha chegada, a filha havia arrumado um companheiro dinamarquês de Kopenhagen



Jan e Edith Farsky (acima, fotografia de Mateo, repórter gráfico). Barcelona, s.d. Acervo: Farsky/SP; Arqshoah/Leer-USP.

com quem se casara. Achei bom, porque não gostei dela. Mesmo porque já tinha uma noiva em Praga, chamada Edith.

Como eu não tinha nada a fazer na Suécia, me transferiram de Estocolmo para Barcelona,

onde fiquei quase três anos trabalhando com exportação na firma de Dom Emilio. Fomos residir, Edith e eu, na Mariano Cubí, 96. Adorei a vida na Espanha. Dom Emilio investiu em uma firma chamada Eucort (Eusebio Cortés SA), a primeira firma espanhola a fabricar carros. Era um tanto primitiva; os carros não eram grande coisa. Como depois da guerra tudo se vendia, sobretudo carros, deu certo. Em Barcelona, fui introduzido ao Clube Sete a Nove. Isto porque após o trabalho – as sete horas da noite – os espanhóis iam ao clube. Lá encontrei um amigo que trabalhava na empresa de carros e que trouxe informações fidedignas sobre a Eucort, uma delas era que a firma estava perdendo “rios de dinheiro”. Então eu os avisei.

Jan Farsky

Uma nova pátria para a família Farsky

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO
MODELO N.º 139

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Vlasta Feurstein
Admitido em território nacional em caráter PERMANENTE
Nos termos do art. 9º letra --- do dec. n.º 7.967 de 1945
Lugar e data de nascimento Praga, 4 / 2 / 1886
Nacionalidade checoslovaca Estado civil viuva
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Frank e Klara Pick
Profissão prezenta doméstica
Residência no país de origem Praga

NOME	IDADE	SEXO
FILHOS MENORES DE 18 ANOS		

Passaporte n.º 07147 expedido pelas autoridades de Estados Unidos em Estocolmo na data 28.3.50 visado sob n.º 218.

Assinatura do portador: Vlasta Feurstein Juntas Leas
Secretaria Encarregada [assinatura] 1.º DECEMBRO

Embaixada Legação do Brasil em Estocolmo
6 de junho de 1950
o cônsul



194

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO
172231

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso JAN FARSKY
Admitido em território nacional em caráter PERMANENTE
Nos termos do art. 9º letra --- do dec. n.º 7.967 de 1945
Lugar e data de nascimento Praga (Tchecoslováquia) 21-8-1919
Nacionalidade apátrida Estado civil casado
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Ludvig Farsky e Piekova
Profissão tecido textil
Residência no país de origem Mariano Cubí 96.-Barcelona

NOME	IDADE	SEXO
FILHOS MENORES DE 18 ANOS		

Passaporte n.º 77/51 expedido pelas autoridades de Barcelona - Chefatura Superior de Polícia na data 27 de maio de 1951 visado sob n.º 686 (seiscentos e oitenta e seis)

Assinatura do portador: J. Farsky Juntas Leas
Secretaria Encarregada [assinatura] 31 de maio de 1951
o cônsul

Embaixada Legação do Brasil em Barcelona
31 de maio de 1951
o cônsul



191

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO
171275

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso EDITH FARSKY
Admitido em território nacional em caráter PERMANENTE
Nos termos do art. 9º letra --- do dec. n.º 7.967 de 1945
Lugar e data de nascimento Vienna (Austria) 26-6-1921
Nacionalidade apátrida Estado civil casada
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Klara Kissinger
Profissão d. doméstica
Residência no país de origem Mariano Cubí 96.-Barcelona

NOME	IDADE	SEXO
FILHOS MENORES DE 18 ANOS		

Passaporte n.º 77/51 expedido pelas autoridades de Barcelona - Chefatura Superior de Polícia na data 27 de maio de 1951 visado sob n.º 696 (seiscentos e oitenta e seis)

Assinatura do portador: Edith Farsky Juntas Leas
Secretaria Encarregada [assinatura] 31 de maio de 1951
o cônsul

Embaixada Legação do Brasil em Barcelona
31 de maio de 1951
o cônsul



Fichas consulares de qualificação de Vlasta Feurstein, emitida pela Legação do Brasil em Estocolmo em 6 de junho de 1950, e de Jan e Edith Farsky emitidas pelo consulado-geral do Brasil em Barcelona em 31 de maio de 1951.

Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP

Com passaporte expedido pelo consulado-geral do Brasil em Barcelona em 31 de maio de 1951, Jan Farsky, filho de Ludvig Farsky e Pickova ou Piehve (Vlasta Farsky), conseguiu visto permanente para o Brasil na qualidade de “apátrida” e técnico têxtil. Sua esposa, Edith Farsky, austríaca, filha de Marco Straussler e Elena Eisinger, nascida em 26 de junho de 1921, recebeu o visto nas mesmas condições, conforme anotado em suas fichas consulares de qualificação. Viajaram no navio Flórida com destino ao porto de Santos, onde desembarcaram em 12 de julho de 1951.

A mãe de Jan, Vlasta Feurstein, nascida em Stara Paka (Tchecoslováquia), também obteve visto permanente, viajando a bordo do navio Pedro Christophersen com desembarque no porto de Santos em 30 de julho de 1950, portanto um ano antes.

A decisão de imigrar para um local tranquilo, onde não haveria mais guerras estava bem amadurecida. Na época, conseguimos um visto para a Austrália, mas, como minha irmã Eva junto com seu marido e minha mãe vieram para o Brasil, resolvemos também imigrar para S. Paulo.

Através de amigos que aqui estavam, comecei a trabalhar na comercialização de produtos químicos. E depois de um tempinho, um amigo que morava nos Estados Unidos e que trabalhava com cobre, a caminho do Chile, passou por S. Paulo para me ver. Quando viu que eu vendia produtos químicos disse: “Vamos nós dois, abrir uma firma!”. Para eu me manter, até que a firma começasse a render, ele me mandaria cem dólares por mês. Assim, abri a firma, que no começo funcionava com uma mesa no escritório de um amigo. Fiz amizade com um senhor, muito mais velho que eu: Kirchner. Edith continuou trabalhando como cortadeira ganhando mensalmente um ordenado. Demorou bastante tempo, mas conseguimos fazer negócios.

Como eu não gostava desse trabalho que dependia de licença de importação, de cotação de cobre e de alumínio que mudavam de um dia para outro, procurei uma outra coisa: fabricar brocas. Esse senhor tinha esse negócio na Alemanha, eu financiei a empresa aqui em S. Paulo e ele assumiu a administração. Certo dia, quando fui ao banco para retirar dinheiro para pagar os operários, fui informado que o senhor Kirchner, meu sócio, esteve ontem e tirou todo dinheiro. Tive que correr e arrumar o dinheiro para a folha de pagamento.

Jan Farsky

Houve uma briga enorme. Kirchner vendeu a parte dele para duas pessoas: uma da família da Claudia Costin, ministra de Desburocratização do governo de Fernando Henrique Cardoso e depois ministra da Educação; o outro sócio era Nicolau Demeter, um comerciante que não se envolvia com a fábrica. Até então, nós importávamos os machos de roscar da SKF e as brocas eram fabricadas por nós. Procuramos um *joint venture* com uma fábrica de fora, e assim conheci o Kaj Christer Molitor, sueco, vice-presidente da filial brasileira da SKF – *Svenska KullagerFabriken*, literalmente “Fábrica Sueca de Rolamentos”. Como ele trabalhava com ferramentas, perguntei-lhe: “Por que vocês não fazem machos aqui no Brasil?”. Ele me disse que mandaria para a minha fábrica o sueco Nils Miholich, responsável por esse negócio. A parceria foi feita com a SKF e trabalhei até meus 65 anos quando me aposentei.^A



Thaís e Vivian Farsky, netas de Jan Farsky. S. Paulo, 2007.
Acervo: Farsky/SP; Arqshoah/
Leer-USP.

A- O grupo sueco SKF, fabricante de plataformas de rolamentos, vedações, sistemas de lubrificação, mecatrônica e serviços na área de confiabilidade em manutenção industrial, comemorou em 2015, 100 anos em território brasileiro. A empresa começou suas atividades em 1907, na Suécia, chegando ao Brasil oito anos depois. De acordo com a companhia, depois de mais de um século de atuação, o grupo SKF construiu uma estrutura que atualmente corresponde a mais de 46 mil funcionários espalhados por 100 países e 140 instalações, das quais 16 centros de tecnologia voltados para pesquisa e desenvolvimento.

O que mais me marcou em todo essa história foi a fome! Dia e noite, fome! Devemos ter muita força de vontade de ir até o fim quando decidimos fazer alguma coisa, ainda que

Vozes do Holocausto

apareçam problemas durante o percurso. Lembro-me de que quando voltamos do campo de concentração, ficamos contra tudo que fosse alemão. Muitos trocaram seus nomes para tchecos, eu mesmo mudei meu sobrenome Feuerstein para Farsky através do Comitê Nacional em Praga pelo Decreto n. 5377/1 de 1945 – o ano que mudei meu nome.

Jan Farsky

PARABÉNS JAN FARSKY!

Aniversários de 100 e 101



Grand gourmet Jan Farsky com os filhos Jorge e Pedro Farsky. S. Paulo, 2019.
Acervo: Farsky/SP; Arqshoah/Leer-USP.



Jan Farsky com os filhos Jorge e Pedro Farsky. S. Paulo, 2019.
Acervo: Farsky/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Vozes do Holocausto



Da esquerda para a direita: Arthur, Luiza, Jan, Johny, Thaís, Gabriela, André e Larissa. S. Paulo, 31 de agosto de 2020.
Acervo: Farsky/SP; Arqshoah/Leer-USP.



Da esquerda para a direita: Arthur, André, Thaís, Pedro, Johny, Jorge, Luiza, Jan, Júlia, Victor, Vivian e Sandra. S. Paulo, 31 de agosto de 2020.
Acervo: Farsky/SP; Arqshoah/Leer-USP.